

DESDOBRAMENTOS DE UM TRABALHO VIRTUAL: NOVAS PRÁTICAS E COMUNIDADES DISCURSIVAS

Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva

Introdução

O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação tem possibilitado o surgimento e a multiplicação de novas práticas e comunidades discursivas, entre elas aquelas designadas sob uma rubrica ampla, Coletivos, como o *Nós, mulheres da periferia*, um grupo de comunicadoras, formado via website e mídias sociais, com o objetivo de chamar a atenção para a invisibilidade e os direitos não atendidos das mulheres, em sua maioria negras, que moram em bairros da periferia de São Paulo: “Informar e divulgar ações, criar um canal de diálogo sobre mulheres da periferia e colocar o tema em discussão. Queremos dar voz e nos ver sentir representadas”¹.

Chamar a si o papel de promover a representatividade do Coletivo resultou na elaboração de um *Manifesto*², que marca o posicionamento do grupo, e na proposta de ultrapassar o muro das atividades de trabalho *online* e ir a campo, proposta viabilizada, inicialmente, por meio do projeto *Desconstruindo estereótipos: #eumulherdaperiferia*, submetido e contemplado por edital lançado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, por meio do Programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais. Em linhas gerais, tal Programa tem por finalidade subsidiar atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões

¹ Princípio extraído do site do Coletivo: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 08/07/2016.

² Analisado por Souza e Silva (2017).

desprovidas de recursos materiais, e espera como retorno não só a atuação no próprio território, comunidades circunscritas pela demanda, mas também a geração de produtos culturais: CDs, livros, documentários etc., que possam ser disponibilizados pela própria Secretaria de Cultura e revertidos em benefício de diferentes comunidades. O objeto proposto pelo *Nós, mulheres da periferia* foi a realização de uma exposição multimídia, a fim de dar visibilidade às histórias de outras mulheres da periferia contadas por elas mesmas.

1. Objetivo, questões de pesquisa e pressupostos teóricos

Com o objetivo de nos aproximar da atividade de trabalho desse Coletivo, propusemos as seguintes questões: o que é esse objeto cultural, a exposição multimídia?; quem o produz?; em que condições?; como circula?; qual o retorno para as comunidades envolvidas? Avançar nas respostas a essas questões implicou reunir textos que marcaram o percurso do Coletivo: o *Manifesto*, trechos de entrevista em vídeo (11:15') e áudio (54:45') com Regiany Silva de Freitas, mestra pelo LAEL (2018)³ e uma das cofundadoras do grupo. E, ainda, coletar algumas amostras do tratamento editorial da exposição; finalmente, participar da inauguração da exposição no Centro Cultural da Juventude, zona norte de São Paulo. Do ponto de vista teórico, recorreremos, de um lado, à Ergologia, abordagem interdisciplinar compartilhada por pesquisadores de diferentes áreas e diferentes países, cuja proposta está centrada na formalização inovadora de um modo de produção de conhecimento das atividades humanas, especificamente do trabalho, e no reconhecimento de que este modo de produção de conhecimento é transformador de situações concretas, e, de outro, à Análise do Discurso, ancorando-nos em contribuições de Dominique Maingueneau, principalmente em sua obra *Frases sem texto* (2014 [2012]), e também em Marie-Anne Paveau (2013), cuja noção de “cognição situada” vai ao encontro dos princípios da abordagem ergológica.

Com a finalidade de apreender as formas contemporâneas de produção e circulação dos discursos, Paveau propõe o retrabalho da

³ Uma de minhas orientandas no âmbito do grupo Atelier Linguagem e Trabalho (CNPq).

noção de *memória discursiva*, segundo a perspectiva da *cognição situada*. Em um primeiro momento, poderia parecer paradoxal articular Ciências Cognitivas e Análise do Discurso, no entanto, há alguns anos desenvolveu-se nas Ciências Cognitivas uma corrente sociocultural, alimentada pela Etnometodologia, pela Ergonomia, pela Psicologia das Organizações etc. Nesse contexto, uma revisão das crenças está se impondo tanto aos discursivistas quanto aos cognitivistas, o que torna possível a compatibilidade entre teorias, saberes e métodos entre a Análise do Discurso e a Cognição Social. Adotar o ângulo sociocultural nas Ciências Cognitivas implica considerar a existência de vários saberes, crenças, articulados com o mundo exterior, o ambiente, os artefatos, e não apenas encapsulados nos módulos internos. A noção de distribuição, ainda segundo Paveau, permite renovar a questão do contexto com certa força operatória porque leva em conta a construção e a transmissão das informações não apenas via saberes e competências adquiridas em nosso ambiente sociocultural e sócio-histórico, mas também aquelas inscritas nas ferramentas cognitivas, ou seja, em artefatos como, por exemplo, um bloco de notas ou um *tablet*, a lista, o dicionário, o quadro, o diário, o guia de conversação etc (Paveau, 2013, p. 148)⁴.

Por sua vez, a Ergologia avança ao eleger a atividade como convidada por todas as dimensões da vida humana e ao propor a dialética permanente entre normas antecedentes e renormalizações como um dos elementos da história humana. De um lado, a impossível padronização e, de outro, as infidelidades sempre renovadas do meio. Tanto as normas antecedentes, como as renormalizações são fatos universais; enquanto as primeiras são mais ou menos reconhecidas, porque em grande parte antecipáveis, as segundas são sempre variáveis. Esse duplo movimento implica aproximar-se do outro com um olhar que evita mutilar aquilo que ele faz, implica também a

⁴ O retrabalho da noção de memória discursiva, proposto por Paveau no campo da cognição distribuída, permite estabelecer pontes com a Ergologia, se nos detivermos, por exemplo, nos diálogos travados por L. Durrive, respectivamente, com Y. Schwartz e M. Duc e com A. Nouroudine, R. Jean e F. Dollé em dois capítulos do livro *Trabalho e Ergologia*. Conversas sobre a atividade humana (Schwartz; Durrive, 2010 [2003], p. 85-102; 111-128).

obrigação de produzir o saber, de escolher, portanto, de se situar, de uma maneira ou de outra, em um mundo de valores, a *dimensão dramática da atividade*. “Falar da dimensão dramática da atividade não significa que cada agir seja semeado de dramas, significa que nada pode ser mecânico”. A atividade de trabalho expressa essa obrigação com saberes e escolhas que remetem a pessoa a ela mesma e, uma vez feitas, “fazem história porque criam uma situação nova que nenhuma racionalidade antecedente teria predeterminado” (Schwartz, 2011, p. 133-134).

2. Nós, mulheres da periferia: entidades coletivas relativamente pertinentes

O projeto do Coletivo *Nós, mulheres da periferia*, submetido ao Programa VAI, continha normas de diferentes naturezas, algumas advindas da hierarquia, como a prescrição de um cronograma de atividades, a descrição pormenorizada do orçamento e a necessidade de envolvimento/parceria com associações e escolas públicas, e outras, estabelecidas pelo próprio Coletivo, como as rodas de conversa com grupos de mulheres negras, de baixa renda, das periferias de São Paulo. Essas atividades deveriam ser desenvolvidas em três momentos: (i) rodas de conversa/oficinas, daqui por diante tomadas como sinônimas, desencadeadas a partir de discursos da mídia – apresentação de trechos de novelas e de peças publicitárias – a fim de mobilizar essas mulheres a refletirem sobre a seguinte questão: *quem somos nós nos discursos da mídia?* (ii) exercícios de produção de textos, desenhos, fotos de pinturas sobre tela e sobre papel, a fim de responder à seguinte questão: *quem somos nós por nós mesmas?* (iii) entrevistas em vídeo.

As oficinas foram realizadas em parceria com seis organizações localizadas, respectivamente, na zona leste (Casa Viviane e Centro Educacional Unificado (CEU) Três Pontes); na zona sul (União Popular de Mulheres e Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) Campo Limpo) e na zona norte (Casa das Crioulas e Associação de Mulheres Amigas de Jova Rural), de modo a atingir, de forma equilibrada, as regiões nas quais se concentram as maiores porções periféricas da cidade.

Foram previstos dois encontros, com grupos de 10 a 15 mulheres de cada uma das organizações, centrados em debates desencadeados a partir de peças televisivas, jornalísticas e publicitárias, selecionadas segundo três eixos de representação da mulher da periferia: gênero, classe social e raça, a fim de levá-las a refletir coletivamente sobre os estereótipos que circulam na mídia, uma maneira de sensibilizá-las a responder à questão: *quem somos nós nos discursos da mídia?* Com base nesses debates, as participantes foram solicitadas, em um segundo momento, a produzir fotografias, textos, desenhos e pinturas relacionados às suas histórias de vida, sonhos e questionamentos, exercícios esses que as levaram a refletir sobre a seguinte questão: *quem somos nós por nós mesmas?* Finalmente, algumas delas foram convidadas para participar de entrevistas, realizadas em suas próprias casas.

Figura 1 : Oficinas/ Rodas de conversa⁵



Apesar das normas estabelecidas pelo próprio Coletivo, normas essas que funcionam como antecipação das tarefas, surgiram várias dificuldades relacionadas seja a questões logísticas (dificuldade de transporte de equipamentos e materiais no transporte público, dado que as mulheres do Coletivo não têm condução própria; negociações de horário com as diferentes organizações), seja as que decorrem da dinâmica e da interação dessas mulheres com as participantes de cada uma das oficinas. Como bem explicita Freitas (2017), em testemunho para a revista Ergologia, “o maior aprendizado foi entender que cada situação de trabalho é única, que o planejamento antecipa muitas situações, mas nunca dá conta das variáveis que só a própria atividade é capaz de trazer”.

⁵ Fotos disponíveis em <https://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 08/07/2016.

O intuito do grupo, aqui entendido como entidades coletivas relativamente pertinentes (ECRP), visto que o *Nós, mulheres da periferia* não depende de organogramas pré-definidos e suas fronteiras são estabelecidas pela própria atividade em diferentes momentos, o que supõe um mínimo de repartição de tais atividades (Schwartz, 2010 [2003], p. 90), era o de criar espaço para a circulação de discursos de mulheres de diferentes periferias de São Paulo. Como esse espaço foi viabilizado? Sair da proposta escrita, isto é, das normas hierárquicas advindas da Secretaria Municipal e daquelas que constavam do projeto para a atividade de trabalho foi um processo de constantes renormalizações. Entrevistas em diferentes momentos, mencionadas anteriormente e transformadas aqui em relato, permitiram depreender as várias etapas do processo.

Considerando as necessidades do projeto, a natureza distinta das atividades, a concomitância de alguma delas e as habilidades e os interesses de cada integrante, o Coletivo permanentemente viu-se confrontado à necessidade de arbitrar entre o respeito às normas antecedentes e a necessidade de deslocá-las, modificá-las. “Normalizar quando há um vazio de normas, renormalizar quando é preciso ajustar normas antecedentes supõe que os protagonistas das escolhas dialoguem, explícita ou implicitamente, com um universo de valores já estabelecidos” (Schwartz, 2011, p. 141). A partir de então, o Coletivo organizou-se em três grupos de trabalho: *secretaria*, responsável por articular e agendar oficinas em parceria com associações e escolas públicas que já realizassem algum trabalho direcionado seja para a temática de gênero, seja para questões referentes à relação comunidade-bairro; *metodologia*, responsável pela concepção das várias etapas das oficinas e do roteiro das entrevistas pós-oficinas; e *recursos*, responsável pela aquisição de equipamentos e materiais imprescindíveis ao andamento do projeto: aparelhos fotográficos, telas, papéis, projetor, notebook etc. Esse grupo responsabilizou-se também pela contratação de fotógrafas, encarregadas da atuação em algumas etapas das oficinas, e da equipe de filmagem, encarregada do registro das oficinas e da produção das entrevistas em vídeo. Os três subgrupos atuavam simultaneamente e faziam reuniões periódicas via *Skype*, *WhatsApp* e *Facebook* a fim de ajustar as atividades, descrever problemas e encaminhar soluções. Essa norma foi estabelecida pelo próprio Coletivo, dadas as

características do grupo, que não possuía sede própria e cujo funcionamento nas diferentes atividades de trabalho sempre se deu de modo remoto: tem-se aqui, nas palavras de Durrive (2010, p. 95), “uma espécie de corrida entre o movimento de antecipação e o movimento de confrontação”.

Apesar das normas estabelecidas pelo próprio Coletivo, normas essas que funcionam como antecipação das tarefas, surgiram várias dificuldades relacionadas seja a questões logísticas (dificuldade de transporte de equipamentos e materiais no transporte público, dado que as mulheres do Coletivo não têm condução própria; negociações de horário com as diferentes organizações), seja as que decorrem da dinâmica e da interação dessas mulheres com as participantes de cada uma das oficinas. Esses imprevistos do trabalho implicaram várias transformações do meio, tendo em vista os objetivos e as técnicas disponíveis: “utilizar uma técnica supõe, por um lado, seguir operações predefinidas e, por outro, uma certa reinvenção local” (Schwartz; Durrive, 2010 [2003], p. 87):

Foi no momento... no momento de fazer ... que era uma coisa muito nova para nós... que a gente se deu conta que fazer uma roda de conversa ... não era só conversar com elas... era preciso criar uma nova metodologia (Freitas, 2017).

Do ponto de vista discursivo, recorreremos à noção de ritos genéticos – que permite entender a inseparabilidade entre os discursos e o funcionamento dos coletivos de trabalho, grupos que gerem esses discursos –, principalmente, se recuperarmos a metáfora referente ao curso de um rio, sua nascente e foz: a maneira pela qual um texto é *produzido* e a maneira pela qual é *consumido e difundido* estão intimamente ligadas. De um discurso a outro, há uma mudança na zona que fica “acima” da enunciação propriamente dita, isto é, em seus *ritos genéticos*, expressão cunhada por Maingueneau (2008 [1984], p. 132) para se referir ao “conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado”. Também os modos de difusão e de consumo, isto é, a foz discursiva, precisam ser considerados: não se pode estabelecer uma exterioridade entre esse aspecto e o próprio conteúdo. “Trata-se de práticas frequentemente mal conhecidas, pouco estudadas ou não postas em relação com o dito e o dizer dos discursos envolvidos” (p. 134). O modo de difusão está

intimamente relacionado ao modo de consumo do discurso, isto é, com o que se “faz” dos textos, como eles são lidos, manipulados.

A noção de ritos genéticos, mais abrangente que a de “pré-texto”, isto é, rascunhos e documentos escritos, inclui também comportamentos não escriturais, como viagens e meditações, enfim, um conjunto de ações de preparo, diretamente envolvidas com uma dada produção escrita. Posteriormente retomada pelo autor (Maingueneau, 2006 [2005]), a noção de ritos insere-se no quadro amplo de estudos voltados para a observação da produção intelectual e artística. Não é diferente o que ocorre com os discursos do Coletivo, também inseparáveis de ritos genéticos específicos e de normas e renormalizações que marcaram sua atividade de trabalho no intuito de dar voz às mulheres da periferia. Qual seu percurso até a realização da exposição?

3. Do projeto à exposição *Quem somos [por nós]* no Centro Cultural da Juventude, zona norte de São Paulo

A realização da exposição multimídia, marca formal do encerramento do projeto, implicou, por parte do Coletivo, a curadoria dos diferentes materiais, a edição textual e audiovisual do conjunto de fotos, telas e textos produzidos nas oficinas e nas entrevistas em vídeo, a concepção da estrutura da instalação adequando-a a receber os diversos materiais, “um conjunto que pudesse ser visto como uma obra artística ‘assinada’ pelas mulheres, cerca de noventa, que participaram das rodas de conversa”⁶.

Como esse evento foi apresentado, divulgado? Por meio de um cartaz, constituído por um enunciado destextualizado, uma frase “sem texto”: “A mídia não conta a minha história”, associado ao rosto de uma mulher negra. O nome próprio, localizado logo abaixo em letras maiúsculas, funciona também como uma assinatura, e não como uma simples designação.

⁶ Trecho de entrevista de Freitas, a qual já nos referimos.

Figura 2 : Cartaz da exposição⁷



Finalmente, o retorno à comunidade se deu por meio da exposição aberta no dia 21 de novembro de 2015, no Centro Cultural da Juventude Vila Nova Cachoeirinha, zona norte, onde permaneceu durante um mês. Nesse dia, estavam presentes várias das mulheres, de diferentes idades, que participaram das oficinas. “Elas não estão nas capas de revistas de moda, nem ocupam posição de poder, mas querem que suas vozes sejam ouvidas”⁸.

No contexto da exposição, circularam enunciados destextualizados, textos, fotos, pinturas, inscrições no corpo, trazendo as vozes dessas mulheres. De um lado, caixotes dispostos pelo chão continham revistas, cujos textos reforçam estereótipos sobre as mulheres negras. Neles estavam inscritos depoimentos que representam a não aceitação, a rejeição da negritude em diferentes ambientes, entre eles, o escolar. De outro, pinturas, autorretratos e fotografias mostravam mulheres que “arrumam tempo para o lazer” e “se produzem para impressionar no baile”. “São maioria. São minoria. Pretas, brancas, periféricas”. “São amor, doçura, fortaleza”⁹.

Esse conjunto de enunciados destacados nos remete à noção de frases sem texto (Maingueneau, 2014 [2012]): “O que pode ser afinal uma frase ‘sem texto’ dado que as frases acabam sempre

⁷ Cartaz disponível na página do Coletivo no Facebook: <https://www.facebook.com/nosmulheresdaperiferia/> Acesso: 08/07/2016.

⁸ Frase extraída de vídeo disponibilizado no canal do Coletivo no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0/> Acesso: 08/07/2016.

⁹ Trechos extraídos do Manifesto, disponível no site do Coletivo: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br>. Acesso: 15/09/2015.

entrado em textos?” (p. 9) As “frases solitárias” estão em todo lugar: nas conversações, nas camisetas, nas páginas do Facebook, nos títulos de artigos da imprensa, “as pequenas frases” etc. Se há vários estudos sobre as frases sem texto ditas “primárias”, como os slogans e os provérbios, o mesmo não acontece com as frases extraídas de um texto-fonte. O autor, nesse livro, privilegia as frases que foram destacadas de um texto e considera o modo pelo qual elas se apresentam antes do destacamento (p. 10-11).

Para compreender a atividade de destacamento exercida pelo Coletivo *Nós, mulheres da periferia*, nossa atividade, como analista do discurso, levou-nos aos textos-fonte, os quais apresentam, frequentemente, os fragmentos a serem destacados: trata-se de enunciados que se apresentam como autônomos do ponto de vista textual (não há necessidade de levar em conta aquilo que o antecede e o que o segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (trata-se de generalizações que ocupam uma posição saliente). Como regra geral, uma sequência que apresenta essas características será naturalmente percebida como sobreasseverada, isto é, como candidata a destacamentos aforizantes (p. 15).

Os membros do Coletivo, como profissionais da comunicação contemporânea, recortaram fragmentos de textos para convertê-los em títulos com forte teor reivindicativo a fim de fazê-los circular na exposição:

“Minha caminhada é dura, mas continuo firme, vida que segue” (Adriana)

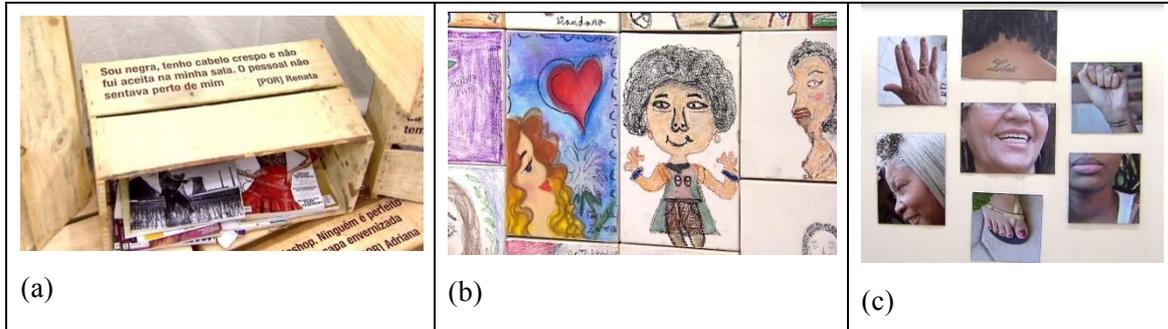
“Ser mulher negra na periferia é dizer... nego: NÃO... É preciso ser firme...ter uma voz extremamente forte... para se impor... para ser respeitada” (Manoela Gonçalves)¹⁰

Para retomar Maingueneau, uma questão se coloca: “Dizer uma frase” é a mesma coisa quando a frase faz parte de um texto e quando ela é destacada? Como se constrói a interpretação de frases destacadas/aforizadas que estão fora da continuidade de um texto?

¹⁰ Frases extraídas de vídeo disponibilizado no canal do Coletivo no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=WeQKSmOpWmU>. Acesso: 08/07/2016.

No contexto da exposição, as aforizações permitiram atrair a atenção do público sobre enunciados verbais, mas também sobre outros tipos de estruturas semióticas, como autorretratos, telas de pintura e vídeos, que funcionam como palavras de ordem e implicam um ethos reivindicativo.

Figura 3: Produções – diferentes práticas intersemióticas¹¹



Esses enunciados verbais e visuais produzidos pelo grupo provêm de um regime de enunciação no qual os enunciadores produzem textos originados em determinado posicionamento do qual eles se dizem responsáveis. O autor é coletivo, não está fisicamente presente, mas fala. Em (a), tem-se um enunciado aderente, isto é, “enunciados escritos que se encontram fisicamente em contato com um objeto que lhes sirva de suporte ... com o qual forma um todo” (Maingueneau, 2020, p. 115). As duas tatuagens em (c) nos conduzem a um suporte detentor de um estatuto muito particular, o corpo humano. Do ponto de vista do ethos, tais enunciados introduzem uma imagem do indivíduo ao mesmo tempo “portador”, alguém que porta um enunciado, e “sustentador”, alguém que assume a responsabilidade por ele (p. 116). Pode-se dizer que os locutores se transformaram em suportes de enunciados concebidos para serem visíveis no espaço público?

Esses e outros enunciados permitem apreender os discursos em circulação, um diálogo entre dois posicionamentos: o desafio de

¹¹ Imagens extraídas de vídeo disponibilizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0>. Acesso: 08/07/2016.

fazer frente a uma sociedade racista, machista e socialmente desigual e a irreverência e a força de sobreviver nesse meio, discursos esses já anunciados no *Manifesto*. De um ponto de vista comunicacional, a exposição se apresenta como a encenação de um sustentador coletivo, que visa dar visibilidade a um ponto de vista partilhado pelo conjunto das mulheres da periferia. Ao especificarem a razão de ser da exposição, tais enunciados amalgamam seus membros.

Considerações finais

O percurso do Coletivo *Nós, mulheres da periferia* implicou o investimento em diferentes procedimentos escriturais e não escriturais que possibilitaram o desenvolvimento das várias atividades de trabalho que tiveram lugar nas oficinas: fotos, vídeos, rodas de discussão, filmagens, pinturas, entrevistas. Tais procedimentos, entendidos como ritos genéticos, encontraram na exposição seu modo de difusão e consumo. Tem-se aqui a inseparabilidade entre os discursos e o funcionamento dos grupos que gerem esses discursos: nascente e foz discursiva estão intimamente relacionadas.

Do ponto de vista das mulheres participantes das oficinas, cerca de noventa, que participaram das rodas de conversa e criaram vários objetos semióticos, a exposição se apresentou como um novo espaço de fala, de circulação de discursos produzidos por elas mesmas, habitantes da periferia. Do ponto de vista do Coletivo, as várias normas e renormalizações, constitutivas da atividade de trabalho centrada na construção da exposição, permitiram ao grupo ultrapassar seu funcionamento, circunscrito a um campo estritamente virtual e aceder a espaços físicos e públicos, entre eles o Centro Cultural de Juventude, zona norte de São Paulo.

Referências

FREITAS, Regiany Silva (2018) Histórias de mulheres da periferia: construindo identidades discursivas de (re)existência. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREITAS, Regiany Silva (2017) Mulheres da periferia desconstruindo estereótipos: desafios e aprendizados da atividade de trabalho. *Ergologia*, n. 17, p. 183-199.

MAINGUENEAU, Dominique (2020) *Variações sobre o ethos*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.

MAINGUENEAU, Dominique (2014 [2012]) *As frases sem texto*. Trad. Sírio Possenti et alii. São Paulo: Parábola.

MAINGUENEAU, Dominique (2006 [2005]) *O discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto.

PAVEAU, Marie-Anne (2013) Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n. 5, p. 137-161.

SCHWARTZ, Yves (2011) Manifesto por um ergoengajamento. In: BENDASSOLLI, P. F; SOBOLL, L.A. (Org.) *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas, p. 132-166.

SCHWARTZ, Yves, DURRIVE, Louis (2010 [2003]) *Trabalho e Ergologia*. Conversas sobre a atividade humana. Trad. e revisão Jussara Brito e Milton Athayde. 2ª edição revista e ampliada. Niterói (RJ): EdUFF.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília P. (2017) Discursos das mulheres da periferia: o papel dos Coletivos na contemporaneidade. *L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 18, p. 69-81.